

Uma obra feita de pormenores

Dirce Waltrick do Amarante

O Estado de S.Paulo, Sabático, 23 de março de 2012

Em seu trabalho, as construções de sentido se despedaçam e o particular se impõe ao geral

Num ensaio sobre literatura e senso comum, Vladimir Nabokov afirma que as normas irracionais na arte "significam a supremacia do pormenor sobre o geral, da parte que está mais viva do que o todo, da minúscula coisa que o homem observa e saúda com um amável gesto do seu espírito, enquanto a multidão à sua volta é arrastada por um impulso comum para um objetivo comum".

Como não pensar, a partir das palavras de Nabokov, na obra do escritor irlandês Samuel Beckett? Obra feita de pormenores, pequenas construções de sentido que se despedaçam tão logo o escritor se depara com o inoperante senso comum.

Para Beckett, a linguagem não pode revelar verdade alguma. Sua obra é fascinada pela hipótese da sua própria ausência. Ao mesmo tempo, porém, essa linguagem não deixa de discutir e apresentar o absurdo da condição humana.

Já no início de sua carreira, Beckett foi considerado um "absurdista", e festejado, controversia à parte, como um dos pais do Teatro do Absurdo. A principal característica dessa "atitude", segundo Martin Esslin, seria a sensação de que certezas e pressupostos básicos e inabaláveis de épocas anteriores desapareceram no pós-guerra.

Na obra Beckett, as "questões" de Immanuel Kant - "O que eu posso conhecer? O que eu posso fazer? O que eu posso esperar?" - são retomadas e reformuladas. Em *Textes pour Rien*, por exemplo, lê-se: "Onde eu iria se eu pudesse ir? O que eu seria se eu pudesse ser? O que eu diria se eu tivesse uma voz?". Às personagens beckettianas restaria apenas esperar, exaustas, a chegada de algum sentido.

Se há um cotidiano presente na obra do artista irlandês, certamente é um retrato tragicômico da vida numa época (a do pós-guerra) na qual, afirmava o dramaturgo Eugène Ionesco, contemporâneo de Beckett, "não podemos deixar de nos indagar o que estamos fazendo nesta Terra".

É Alain Badiou quem resume, a meu ver, de forma bastante abrangente, a obra de Beckett: "É um escritor do absurdo, do desespero, do vazio, da incomunicabilidade e da eterna solidão, em

suma, um existencialista. Mas também um escritor 'moderno', no que diz respeito ao destino da escritura, à ligação entre a repetição da linguagem e o silêncio original, à função simultaneamente sublime e irrisória das palavras, tudo isso teria sido capturado pela prosa, muito aquém de toda intenção realista ou representativa, a ficção sendo ao mesmo tempo a aparência de uma narração e a realidade de uma reflexão sobre o trabalho do escritor, sua miséria e sua grandeza".

No âmbito da literatura irlandesa, é sempre interessante comparar Samuel Beckett com James Joyce, seu mestre. Embora Beckett enfatizasse as diferenças entre suas respectivas obras, parece-me que o excesso da linguagem em Joyce e a aridez da linguagem em Beckett redundam numa mesma "língua cansada", que submete o sujeito da voz a uma "tortura intolerável". Tanto em Beckett quanto no último Joyce, os personagens são feitos de palavras. Assim, lemos em *O Inominável*: "Sou de palavras, sou feito de palavras, das palavras dos outros (...)", talvez o testemunho mais lúcido de Beckett.

Dirce Waltrick do Amarante é professora de artes cênicas da Universidade Federal de Santa Catarina.